

Introdução

Ao estudar as relações entre poesia e religiosidade, somos por vezes tentados a buscar uma neutralidade religiosa de caráter universalista, i. é, a não nos atermos a este ou aquele seguimento religioso, pretendendo assim atingir um nível de conceituação que nos possibilite um entendimento amplo de todo discurso poético que revele a adesão a ideias religiosas ou, em outras palavras, a apreensão de uma Teopoética não limitada por dogmas desta ou daquela denominação.

Tal busca tem o mérito de proporcionar maior objetividade ao pesquisador, muitas vezes evitando que este caia na armadilha de eleger sua própria visão religiosa como foco de suas elucubrações. Entretanto, também acarreta certa generalização em suas afirmações, comumente privilegiando uma cultura cristã que se pretende desvinculada de seguimentos específicos.

Não se pode esquecer que uma denominação religiosa qualquer representa mais do que um rótulo que a identifica dentro da religiosidade enquanto constructo social, mas trata-se, sim, de uma forma específica de compreender as relações com o Sagrado em suas múltiplas possibilidades.

A especificidade de cada religião será sempre atravessada pelas interpretações individuais de seus adeptos, os quais colaboram na construção e expansão de seus dogmas ou conceitos, promovendo assim o florescimento e o desenvolvimento de substratos culturais que necessitam de olhares também específicos para que sejam devidamente compreendidos.

Pensar a poesia religiosa talvez deva começar com a pergunta “A partir de que meio religioso esse(s) poema(s) fala(m)?”, cuja resposta nos instrumentalizará de conceitos basilares para a devida apreciação do *ethos* definidor daquele poema ou poética.

Estas considerações iniciais servirão para justificar o recorte que me proponho no presente texto, i. é, uma apreciação da poesia espírita a partir de um viés a um só tempo histórico e teórico, na busca por situar tal poética dentro dos estudos literários.

¹ A versão completa deste texto encontra-se disponível em https://www.academia.edu/105499815/Esboço_para_uma_ReVisão_da_Poesia_Espírita

² Mestre em Literatura Brasileira (UERJ). Doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada (UERJ).

Poesia e Espiritismo: relações

A relação entre poesia e Espiritismo remonta aos primórdios do movimento religioso de origem francesa e sempre foi bastante enfatizada no ambiente espírita. Jon Aizpurua, em *El Espiritismo y la creación poética*, assim define tal elo: “Poesia y Espiritismo se entienden a la perfección y corren parejos. Ambos se traducen em una permanente pregunta, em uma búsqueda constante, em un afán impulsivo por penetrar em la esencia misma de realidad.” (1993: 27)

Ao passo que Tobias Pinheiro, na apresentação escrita para a aba da *Antologia de Poetas Espíritas*, já havia declarado:

A influência do Espiritismo na Poesia e a Poesia no Espiritismo em quase nada se modificam, pois Espiritismo e Poesia são temas, revelações, princípios e grandezas morais de que o homem se utiliza para consolar-se quando sofre.

Com a Poesia a dor é mais suave; com o Espiritismo é mais pura.

A Poesia encanta e o Espiritismo conforta.

A Poesia é o entendimento, às vezes fugindo da razão, e o Espiritismo é a própria razão de ser, atingindo o entendimento.

Aquela é o sonho que se enleva e este é a Verdade que se impõe. (1959)

Relevando-se o evidente romantismo dessas afirmações, certamente oriundos do engajamento ideológico de seus autores, há de fato uma forte presença da poesia no ambiente espírita que nos permite entender a dimensão cultural desse seguimento religioso com vistas a poder-se falar na existência de uma Poesia Espírita que vem se desenvolvendo à margem do cânone literário oficial.

Não há exatamente um conceito do que seja a Poesia Espírita, embora se possa defini-la de maneira simplista como “a poesia produzida dentro do contexto do Espiritismo”. Entretanto, é nosso entendimento de que tal conceituação não exprime a totalidade do que se pode considerar como parte desta poética. Na tentativa de uma definição primordial, revisitemos brevemente as manifestações da poesia no Espiritismo como um processo histórico.

Tendo surgido no século 19, na França, o Espiritismo possui como livro inaugural a obra *O Livro dos Espíritos*, de autoria de Allan Kardec, pseudônimo do educador lionês Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804 – 1869). Na introdução da obra, publicada em 1857, já se encontram as primeiras referências à poesia, demonstrando que a intenção do corpo doutrinário ali inaugurado ia muito além da simples inauguração de um novo seguimento religioso, mas que se propunha a ser um movimento cultural amplo.

As manifestações poéticas dentro do contexto espírita podem ser observadas em livros e periódicos diversos, publicados principalmente na França e no Brasil, nos permitindo mapear os aspectos constitutivos do que chamaremos de Poesia Espírita.

Tomando como fonte primária as edições da *Revista Espírita*, periódico fundado pelo próprio Allan Kardec, é possível analisar as relações entre Espiritismo e poesia de modo a estabelecer os critérios para classificação destas relações.

Percorrendo as edições da *Revue Spirite*, é possível observar a presença de ao menos três modalidades de poemas que se repetem ao longo da história do Espiritismo, o que nos proporciona um primeiro critério classificador do que temos chamado de Poesia Espírita. A fim de bem estabelecer essa classificação, propõe-se a seguinte nomenclatura para as modalidades acima referidas:

1. Poesia dos Espíritos;
2. Poesia dos Espíritas;
3. Espiritismo Literário.

Ressalte-se que não abordamos essa classificação como o estabelecimento de tipos da Poesia Espírita, vendo-os mais como **relações** da poesia com o Espiritismo.

Apesar da escassez de estudos específicos sobre cada uma destas relações, é possível que as conceituemos brevemente, o que aliás é o objetivo deste esboço que aqui me proponho a apresentar.

Começando pela **Poesia dos Espíritos**, a qual podemos definir como sendo a poesia produzida por poetas desencarnados (mortos) e que são escritas no mundo dos vivos a partir da parceria desses poetas com indivíduos capazes de entrar em contato com o mundo espiritual, indivíduos estes chamados de **médiuns**. Seu mais conhecido exemplo é a obra *Parnaso de Além Túmulo*, publicada em 1932 pelo médium mineiro Francisco Cândido Xavier, e que em sua edição definitiva reúne poemas mediúnicos de 56 autores desencarnados, dentre os quais destaco os nomes de Augusto dos Anjos e Cruz e Souza, apenas para me ater aos que considero mais emblemáticos.

Na época de seu lançamento, o livro em questão provocou grandes discussões que se resumem à indagação principal que sempre acompanha as obras do gênero: a questão da autoria, esta construção linguística a um só tempo artificial e subjetiva, como se pode depreender de Foucault.

Alexandre Caroli Rocha, em sua tese de doutorado intitulada *O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade*, argumenta:

Como reconstruir a enunciação de um autor que já morreu? O que nós, leitores, esperaríamos de um literato que voltasse a escrever, detentor agora de uma experiência da morte, mas precisando dispor de um auxiliar mediúnico, de carne e osso, capaz de lhe captar os pensamentos? Decerto, nossas expectativas seriam múltiplas e conflitantes, visto que esses dois pressupostos, ainda que levados a sério, poderiam justificar tantas divergências entre a obra de um determinado autor e uma obra mediúnica a ele atribuída, a ponto de não fazer sentido uma presunção de unidade autoral. Além disso, embora possa passar despercebida, **uma teoria a respeito do *post-mortem***, que normalmente se relaciona a visões religiosas, **sempre estará presente nas leituras de tais textos**; portanto, de antemão, **textos psicografados atribuídos a um escritor não são simplesmente equiparáveis a textos escritos por esse mesmo escritor antes de sua morte**, a não ser que se pressuponha que um médium é semelhante a um lápis e que uma experiência da morte não é um dado significativo. (2008: 123) [Grifos nossos]

Os debates a respeito da autoria de textos psicografados invariavelmente parecem dividir-se entre dois campos: de um lado os céticos, que se empenham em apontar as divergências entre os textos de um autor “vivo” e seus textos enquanto autor espiritual; de outro os crentes, que com o mesmo empenho apontam as semelhanças entre os dois momentos de produção do autor.

De nossa parte, consideramos tais argumentações extremamente superficiais. Seja para admitir ou negar a autoria desses textos, a presunção de igualdade entre a produção oficial e a produção mediúnica me parece um contrassenso nascido do mesmo equívoco: ignorar que um autor e seu estilo evoluem ao longo do tempo como resultado das experiências pelas quais o indivíduo passa. Neste sentido, a experiência da morte, admitindo-se que algo sobrevive ao cessar das funções biológicas, seria um acontecimento impossível de ser ignorado pelo indivíduo. Lembrando o personagem ficcional Peter Pan: “Morrer vai ser uma baita aventura!”.

Entre a obra oficial e a obra mediúnica de um autor, é preciso que se detecte aquilo que Rocha compreende como “unidade autoral”, i. é, uma coerência mínima entre textos de um mesmo autor, exigindo um estudo cuidadoso e objetivo de cada caso com vistas a verificar se a voz literária permanece nestes textos. Allan Kardec, na introdução que escreveu para o livro *Échos Poétiques D'Outre Tombe* (ver nota 3) diz algo que dialoga diretamente com o que Rocha defenderá em sua tese:

A constatação da identidade dos Espíritos oferece frequentemente grandes dificuldades, e, em certos casos, uma impossibilidade absoluta. É, pois, um erro tomar fato e causa por nomes pelos quais são assinadas certas comunicações práticas

ou outras. São elas boas ou más, dignas ou indignas do nome que trazem? Aí toda a questão. (2001: 16)

Não se pode ignorar que a psicografia ocorre dentro de um contexto religioso específico, no caso, o do Espiritismo, o que determinará tanto os temas predominantes em tais textos (cunho moral, reflexões existenciais, passagens evangélicas, etc.) como a linguagem um tanto o quanto casta adotada por poetas que nem sempre assim se expressaram em vida, como é o caso de Augusto dos Anjos.

O assunto é vasto e o espaço escasso. Passemos à outra margem.

Aquilo que chamamos de **Poesia dos Espíritos** poderá ser inicialmente definido como sendo o conjunto de poemas escritos por adeptos do Espiritismo e nos quais se possam identificar, de modo explícito ou não, os conceitos formadores da Doutrina Espírita.

Partindo dessa conceituação, vejamos alguns aspectos da Poesia dos Espíritos em sua dimensão histórica e identitária.

As primeiras manifestações dessa vertente remontam ao ano de 1858, em duas cartas publicadas na edição de julho da *Revista Espírita*. As cartas, assinadas por Marcellin Jobard (1792 - 1861), então Diretor do Museu Real da Indústria de Bruxelas, trazem suas considerações a respeito de suas impressões sobre *O livro dos espíritos* entremeadas de versos escritos por ele como forma de homenagem e incentivo ao trabalho de Allan Kardec. São versos simples, sem grande apuro estético, mas que já apresentam a busca pela expressão de uma identidade espírita ainda em formação.

Entretanto, a irrupção de uma poesia especificamente espírita nas páginas do periódico dirigido por Kardec só se dará na edição de novembro de 1860, com o poema “Um espírita a seu espírito familiar”, cujo autor identifica-se simplesmente como A. G.

Apesar de surgido na França, o Espiritismo se desenvolverá principalmente no Brasil, onde adquiriu um aspecto muito mais religioso que em seu país de origem, e o mesmo se dará com as suas relações com a poesia.

É assim que, em 1869, será publicado o livro *O Espiritismo – Meditações poéticas sobre o mundo invisível acompanhadas de uma evocação*, de Julio Cezar Leal, que pode ser considerado o primeiro de seu gênero, antecipando o trabalho de outros poetas espíritas ao longo do tempo, tanto nos poemas publicados a partir de 1883 nas páginas do periódico *O Reformador*³ quanto em livros individuais, como *A divina epopeia* (1882), de Bittencourt Sampaio.

³ *O Reformador* é uma publicação mensal da Federação Espírita Brasileira, ainda editado atualmente.

Pode-se dizer que a Poesia dos Espíritas, desde seus primórdios, reivindica seu espaço dentro da produção literária, buscando estabelecer aquilo que hoje é chamado de lugar de fala, como bem expressa Clóvis Ramos na introdução da *Antologia de Poetas Espíritas*:

O Espiritismo possui, também, a sua Poesia. Poesia da alma, busca incessante do que é bom, do que é belo e do que é verdadeiro: poesia nova, original, – não importa a forma, – que transcende aos sentidos humanos, que é uma revelação nova, mensagem de amor e paz, de alegria e de fé. (1959:8)

Essa reivindicação do lugar de fala na poesia não é, evidentemente, exclusivo dos poetas espíritas, porém é fundamental que se reconheça o quão importante será o reconhecimento de sua especificidade com vistas à ampliação de nossa visão de cânone literário a partir da identidade de um grupo determinado, como nos esclarece Eneida Leal Cunha, em seu artigo “Literatura e identidade”:

[...] ecoam com potência os clamores pela diferença, pelas singularidades, pelo direito de expressão de identidades primordiais – de gênero, de raça, de etnia, de orientação sexual –, **expondo-nos comunidades de vivências, desejos, reclamos e reivindicações identitários** que também implodem os contornos das abstratas identidades nacionais instituídas. (1998: 175-6) [grifos nossos]

Na busca por caracterizar a produção poética dos espíritas ao longo do tempo, tomando como seus marcos as obras já citadas e também os poemas que vêm sendo editados na publicação eletrônica *Garimpo – Mensário de Poesia e Espiritualidade*, de cujo conselho editorial faço parte, já é possível afirmar que no **plano formal** a poesia dos espíritas apresenta grande variedade, abrangendo praticamente todas os modelos existentes. Há espaço para sonetos, quadras, haicais, epopeias, poemas narrativos, cordel, versos livres, poesia visual, etc., com alterações no registro linguístico ao longo do tempo, da norma culta predominante nos poetas da primeira metade do século XX ao tom coloquial, muitas vezes tendendo para o privilégio da oralidade dos poetas mais recentes.

Já no **plano temático**, a Poesia dos Espíritas traz em si um aspecto que também se encontra na Poesia dos Espíritos e que se mostra fundamental para seu estudo: o contexto de produção.

Sendo uma poesia produzida dentro de um contexto religioso específico, é de se compreender que a mesma reflita os assuntos e visão de mundo condizentes com o corpo doutrinário da mesma. Por seu aspecto transcendente, o Espiritismo se caracteriza por uma clara postura antimaterialista, moralizante e representante de uma ética que se esforça por ser universalista. Nas palavras de Jon Aizpurua:

[...] los poetas del Espiritismo crean mundos maravillosos con la luz de sua galaxia espiritual, reafirmando el concepto de belleza ligado al bien, retomando a la distancia, la misma línea que la cultura helénica había dibujado. [...] Se confirma

pues, que la temática espiritista provee rica y profunda inspiración a quienes vibran ante las solicitudes de lo Alto y son capaces de interpretar las esencias de lo transcendente espiritual. **Em ellos, crear es crear!** (1993: 28) [Grifo nosso]

A partir da não dissociação entre belo e bem, um ideal clássico, os poetas espíritas parecem empreender um projeto coletivo de criação de uma poética engajada eticamente, constituída pela multiplicidade de olhares particulares e subjetivos vinculados à filosofia espírita. Isso tem proporcionado uma grande variedade temática que inclui releituras de trechos bíblicos, poemas biográficos, reflexões, relacionamentos familiares, guerras, política, atualidades, etc.

Por fim chego ao **Espiritismo Literário**, expressão utilizada por Silvio Romero ao se referir jocosamente às *Memórias póstumas de Brás Cubas*, do onipresente Machado de Assis, e da qual me apropriei em um processo de ressignificação.

Ao analisar o desenvolvimento da literatura fantástica na França, Pierre-Georges Castex elencará o Espiritismo como uma das principais influências surgidas após 1850, por seu posicionamento a um só tempo antimaterialista e cientificista, o que o reveste de um papel de acalmar a inquietude humana quanto ao mundo espiritual, suprimindo a necessidade de uma fé no espírito que permanecia aumentada apenas do avanço do materialismo nos meios científicos. (CASTEX, 1962: 458)

Espiritismo Literário se caracterizará pelo uso de conceitos espíritas na produção literária, em prosa e verso, por escritores que não se declaram como espíritas, como observa Clóvis Ramos, em *Temas espíritas na poesia brasileira*, quase como um eco de Castex:

As ideias espíritas foram e tem sido utilizadas, com êxito, na literatura universal. Na poesia, no romance, no conto e até no cinema e na televisão. Nas artes plásticas, no *ballet*, na música. Mas, é nas letras, principalmente, que se tem feito sentir, em maior escala, a influência do Espiritismo. Não nos referimos à literatura mediúnica, de *além-túmulo*, [...]; **mas às obras de autores não-espíritas, ou simpatizantes, que, deliberadamente, ou sem o perceberem, empregam termos e temas da esfera do Espiritismo.** (1969: 08) [grifos nossos]

Pensando exclusivamente na poesia brasileira, é possível detectar este viés em poemas como “Cárcere das almas”, de Cruz e Souza, no qual a condição do espírito imortal aprisionado ao corpo físico é fonte de uma visão algo trágica da existência, condizente com o Simbolismo abraço pelo autor.

Outro exemplo interessante são as quadras de “Mensagem do além”, de Manuel Bandeira, escritas logo após o poeta haver presenciado uma reunião espírita na qual manifestou-se o espírito de Jaime Ovalle, conforme o próprio poeta explica em carta

(sem data) endereçada ao amigo Odylo Costa Filho, aqui transcrita da edição de nº 8 da *Revista Poesia Sempre*:

Odylo querido

A Yeda, viúva do Schmidt, tem se revelado melhor administradora do que o Schmidt. Há dias ela quis tirar umas dúvidas sobre os negócios do espólio e lembrou-se de evocar o espírito do falecido numa sessão espírita. Mas quem se apresentou não foi o Schmidt, mas sim o Ovalle, que disse, entre outras coisas, essas palavras “Aqui estamos todos nus”, e tanto a Yeda como o Dante Milano reconheceram essa coisa autêntica do Ovalle. Dante tentou fazer um poema sobre, mas não conseguiu. Então eu pus mãos à obra e saíram as quadrinhas supra. (1997: 328-9)

São dois casos em que se podem observar tanto uma apropriação deliberada da temática espírita (Bandeira) quanto uma possível ocorrência accidental da mesma (Sousa), o que de certa forma exemplifica tanto as palavras de Castex quanto de Ramos.

Entretanto, cremos haver uma terceira possibilidade que não foi aventada por nenhum dos dois: o **leitor** pode ressignificar o texto, encontrando nele temas espíritas à revelia do escritor.

Ao buscar as camadas de um texto, o leitor estará sempre contribuindo para a multiplicidade de sentidos que este pode apresentar. O poema drummondiano “Balada do amor através das idades”, por exemplo, pode tanto apresentar-se como um poema metalinguístico, se o lermos como uma interpretação lírica do papel do cinema no imaginário, quanto como apresentando o tema da reencarnação por meio da narrativa de um casal em seus encontros e desencontros em múltiplas existências. Duas leituras que se complementam, não se anulam.

Sendo a temática espírita oriunda da intencionalidade ou do inconsciente do escritor, ou sendo algo que reside na intencionalidade do leitor que detecta tal temática em um texto, cremos que só se pode aplicar a nomenclatura de Espiritismo Literário a textos escritos após o surgimento do Espiritismo enquanto proposta filosófica e cultural, pois é só então que se poderá falar em um contexto espírita cuja influência ultrapassa o do simples culto e se converte em movimento cultural amplo e abrangente.

Conclusão

Como boa parte da poesia de orientação religiosa, a Poesia Espírita ainda ocupa pouco espaço nos estudos acadêmicos da área de letras, apesar de, como se buscou demonstrar no presente esboço, sua produção ser vasta e diversificada.

Com o artigo que ora se encerra, nos propusemos a traçar algumas linhas iniciais que possam nortear futuras pesquisas a respeito do tema, com vistas à formação de uma fortuna crítica que nos possibilite estabelecer o lugar da Poesia Espírita no âmbito da história literária bem como a formação de um cânone específico de tal modalidade poética.

As três relações da Poesia com o Espiritismo aqui esboçadas manifestam um lugar de fala multifacetado e em constante expansão. Ignorar sua existência, relegando suas manifestações a simples derivações do discurso religioso, seria um contrassenso oriundo de um preconceito não tão velado que os meios acadêmicos ainda votam à literatura de orientação religiosa.

REFERÊNCIAS

- AIZPURUA, Jon. *El Espiritismo y la creación poética*. Caracas, Venezuela: CIMA, 1993.
- CASTEX, Pierre-Georges. *Le conte fantastique em France*. Paris: José Corti, 1962. disponível em <https://archive.org/details/lecontefantastiq0000cast/page/n7/mode/2up?view=theater>
- CUNHA, Eneida Leal. “Literatura e identidade”. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ. *Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões*. Ilhéus, BA: Editus, nº 01, 1998, p. 175-189. Disponível em https://www.academia.edu/49118997/Literatura_e_Identidade
- FOUCAULT, Michel. “O que é um autor?” In: *Ditos e escritos III - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. pp. 264-298.
- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Poesia Sempre*. Rio de Janeiro: FBN, 8, jun. 1997.
- KARDEC, Allan. “Estudo sobre a poesia medianímica” (Étude sur la poésie médianimique). In: VAVASSEUR, L. *Ecos poéticos d’além tumba (Échos Poétiques d’Outre Tombe)*. Trad. de Nereu Mello. São Paulo: Lar da Família Universal, 2001.

- _____. *O livro dos Espíritos (Le livre des Sprits)*. Trad. de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB. 2004.
- _____. *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos – 1858 (Revue Spirite - Journal d'études psychologiques)*. Trad. de Evandro Noleto de Bezerra e Inaldo Lacerda Lima (poemas). Rio de Janeiro: FEB, 2004.
- _____. *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos – 1859 (Revue Spirite - Journal d'études psychologiques)*. Trad. de Evandro Noleto de Bezerra e Inaldo Lacerda Lima (poemas). Rio de Janeiro: FEB, 2004.
- _____. *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos – 1860 (Revue Spirite - Journal d'études psychologiques)*. Trad. de Evandro Noleto de Bezerra e Inaldo Lacerda Lima (poemas). Rio de Janeiro: FEB, 2004.
- LEAL, Julio Cezar. *O Espiritismo – Meditações poéticas sobre o mundo invisível acompanhadas de uma evocação*. Penedo: Tipografia do Penedense, 1869. 16p.
- LOBO, Luiza. *Guia de escritoras da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.
- PINHEIRO, Tobias. “Espiritismo e Poesia”. In: RAMOS, Clóvis (org.). *Antologia de Poetas Espíritas*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1959. Disponível em <https://garimpo-poesia.blogspot.com/p/e-books.html>
- RAMOS, Clóvis (org.). *Antologia de Poetas Espíritas*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1959. Disponível em <https://garimpo-poesia.blogspot.com/p/e-books.html>
- _____. *Temas espíritas na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1969.
- ROCHA, Alexandre Caroli. *O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade*. Tese de doutorado. Campinas, SP : [s.n.], 2008.
- ROMERO, Silvio. *Machado de Assis – Estudo Comparativo de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Laemmert C. Editores, 1897. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01615800>
- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *Teoria da Literatura – Vol. I*. 4ª ed. Coimbra: Livraria Almeida, 1982.